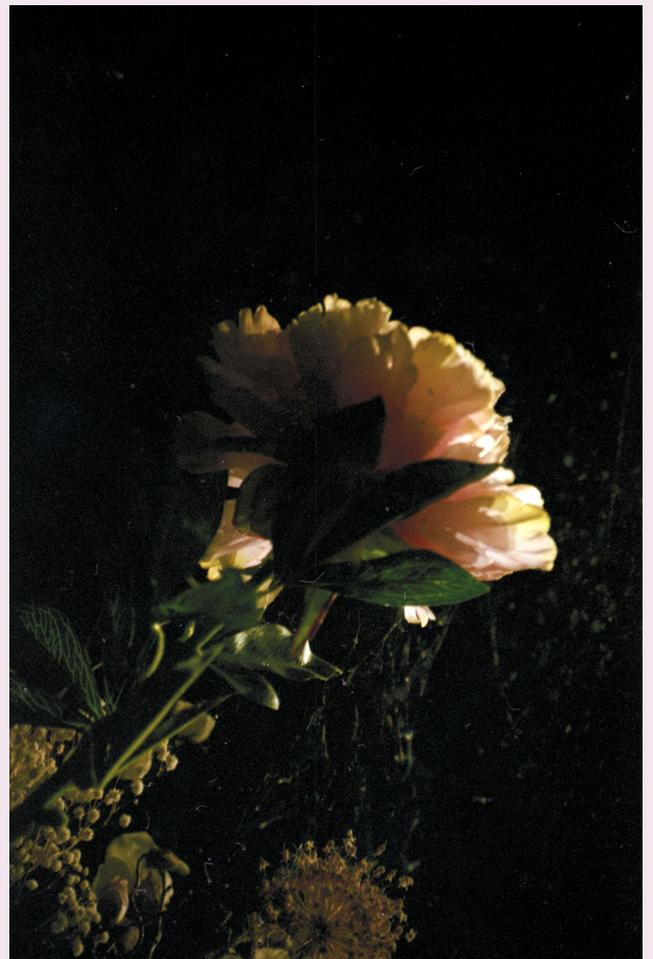


GALERIA MUNICIPAL DE ARTE

23.03.2024–15.06.2024

ISABEL CORDOVIL



A VAIDADE PRAGA-ME

Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer
sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro
Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?

Álvaro de Campos

Um lustre caído, velas que ardem quase até ao fim, pedestais vazios, colunas à espera de uso... nesta exposição de Isabel Cordovil, há um ambiente de decadência, de fim de festa que invade a Galeria Municipal de Arte. Talvez seja o desejo de congelar um certo momento, ou a espera de um clímax que teima em chegar.

A ideia de fim domina as nossas vidas. Dizem que 'a morta é a única coisa certa'. Como um véu sempre presente, o fim aterroriza e angustia alguns ao mesmo tempo que tranquiliza ou sossega outros. Religiões dedicam grande parte das suas crenças a explicar, justificar e suavizar a ideia de fim. Apresentam-no como passagem ou transformação, como salvação. Raramente o fim é simplesmente um fim. O fim é assim um eixo identitário e estrutural da humanidade, define-nos, justifica-nos, garante quem somos e o sentido da nossa realidade.

Na sua prática, e em particular nesta exposição, Isabel Cordovil especula sobre o depois do fim, o 'after-party'. Entre o desejo, o sonho e a realidade, Cordovil aborda a ideia de um vazio (quase existencial) porque se calhar o fim já passou; vivemos, equivocados, num *after*, num pós-clímax.

O *Lustre* caído romanceia a ideia de um fim, de uma decadência anunciada, mas que é identificável, palpável e controlada. Como é no vídeo *Pele*, onde a artista arranca um papel de parede antigo das paredes de uma casa visivelmente envelhecida. Um fim domesticado, e um desejo de guardar os símbolos do passado, mesmo que seja através de um ato de destruição. Assim, como as fotografias das feridas de objetos do quotidiano, um caixote do lixo, um carro riscado, são romanceadas e elevadas ao estatuto de belo.

Column seguem este pensamento. Plintos e colunas são garantes de ordem e de sustentação, mas aqui a sua função está vazia. Não há nada que seja importante que necessite de ser guardada, exposta. Fica o vazio, ilusões, quase-fantasmas (a pistola que é apenas um corpo vazio, ou a memória de uma forma), espectros ou sombras. Excessivos e inúteis, mantêm-se atentos, esperam, aguardam para voltar a encontrar uma utilidade.

Talvez o maior desafio à ideia de fim, o maior ato de rebelião, seja o suicídio. *Strange String* romantiza-o, preconizando a possibilidade de um fim enquanto gesto de amor. Podemos imaginar imediatamente dois amantes - a história está cheia destes pactos - mas talvez este seja entre nós e o criador. A manipulação do tempo está também presente na escultura *Velas (Kronos)*. O fim está para vir. Paramos a progressão do tempo, aceitamo-lo como construção, como ficção. O clímax ainda está por vir. Demoramo-nos só um pouco mais.

Também em *Penelope (letters)*, Cordovil brinca com a ideia de espera absoluta, como não aceitar o destino num acumular de expectativas. É essa espera que garante o sentido à existência, que garante a possibilidade de um quotidiano.

Neste desejo de acreditar que há algo depois, *Veil* aparece como uma porta, uma possibilidade de saída, escape, com a possibilidade de um *after*. *Ícaro* voa até ao sol, e lá no alto, já completamente carbonizado, vive o seu sonho. A festa continua, havemos de ter saída, e o fim... veremos depois. Por agora fica o vazio, os despojos, a espera, e a festa. Continuamos logo?

Filipa Oliveira

I'm lucid today, as if I'm about to die
feeling that everything is a dream, like something real inside
What do I know of what I will be, I who don't know what I am?

Álvaro de Campos

A fallen chandelier, candles burning almost to the end, empty pedestals, columns waiting to be used... in this exhibition by Isabel Cordovil, there is an atmosphere of decadence, of the end of a party that invades the Municipal Art Gallery. Perhaps it's the desire to freeze a certain moment, or the wait for a climax that keeps on coming.

The idea of an end dominates our lives. They say that 'death is the only sure thing'. Like an ever-present veil, the end terrifies and distresses some, while reassuring or calming others. Religions devote a large part of their beliefs to explaining, justifying, and softening the idea of the end. They present it as a passage or transformation, as salvation. The end is rarely simply just an ending. The end is thus an identity and structural axis of humanity; it defines, justifies, and guarantees who we are and the meaning of our reality.

In her practice, and particularly in this exhibition, Isabel Cordovil speculates on the afterlife, the 'after-party'. Between desire, dreams and reality, Cordovil addresses the idea of an (almost existential) emptiness because perhaps the end has already passed; we live, mistakenly, in an after, in a post-climax.

The *Lustre* embodies the idea of an end, of a decay that has been announced, but which is identifiable, palpable, and controlled. Like in the video *Pele*, in which the artist rips old wallpaper from the walls of a visibly dilapidated house. A domesticated end, and a desire to keep the symbols of the past, even if through an act of destruction. Thus, like photographs of the wounds of everyday objects, a rubbish bin, a scratched car, overemphasizes and elevated to the status of beauty.

Columns follow this train of thought. Plinths and columns are guarantors of order and support, but here their function is emptied. There is nothing important that needs to be kept or displayed. What remains is emptiness, illusions, ghosts-like (the pistol is just an empty body, or a memory of a form), spectres or shadows. Excessive and useless, they remain alert, waiting, hoping to find a use again.

Perhaps the greatest challenge to the idea of an ending, the greatest act of rebellion, is suicide. *Strange String* romanticises it, advocating the possibility of an ending as a gesture of love. We can immediately imagine two lovers - history is full of such pacts - but perhaps this one is between us and the creator. The manipulation of time is also present in the sculpture *Velas (Kronos)*. The end is coming. We halt the progression of time, we accept it as a construction, a fiction. The climax is yet to come. We linger just a little longer.

In *Penelope* (letters), Cordovil plays with the idea of the absolute wait, of not accepting fate through an accumulation of expectations. It is this hope, this anticipation, that gives meaning to existence, and guarantees the possibility of a daily life.

In this desire to believe that there is something after, *Veil* acts as a door, the possibility of an exit, an escape, with the possibility of an after. *Icarus* flies up to the sun, and up there, already completely charred, he lives his dream. The party continues, there will be a way out, and an end... we'll see. For now, we're left with the emptiness, the remains, the wait, and the party. Shall we continue later?

Filipa Oliveira